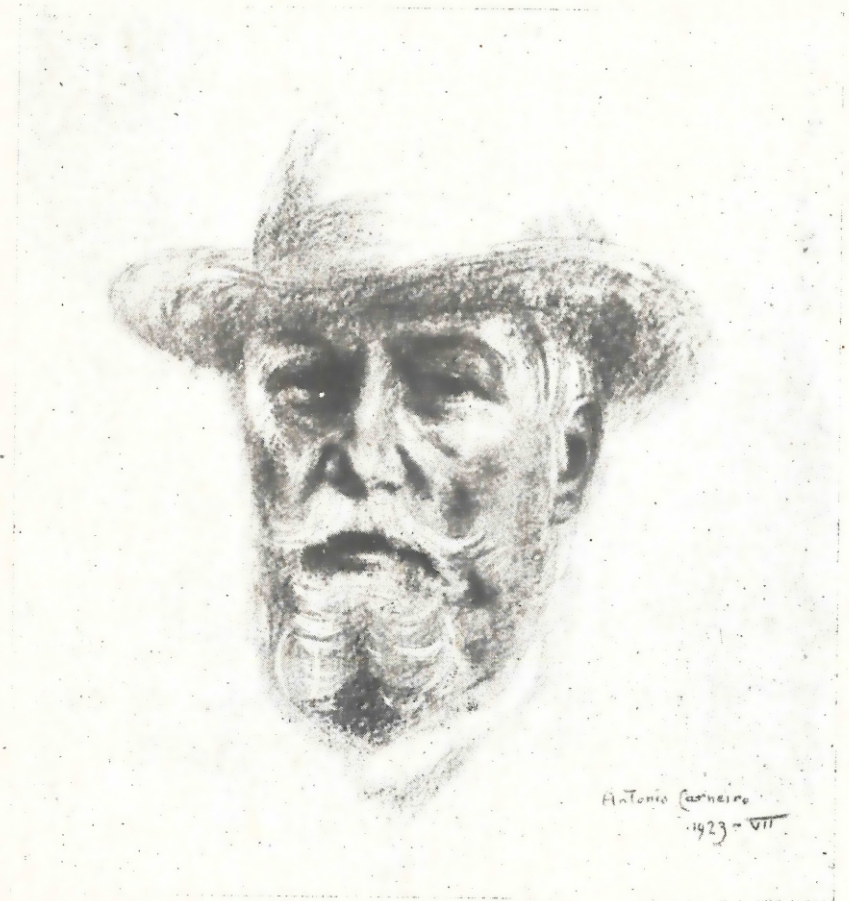


# A PRODUÇÃO AGRÍCOLA



*Sertório do Monte Pereira*

Edição comemorativa

**ISA Press**

**ISA Press**

Instituto Superior de Agronomia - Universidade de Lisboa  
School of Agriculture - University of Lisbon  
Tapada da Ajuda, 1349-017 Lisboa, Portugal

**U LISBOA**

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



INSTITUTO  
SUPERIOR DE  
AGRONOMIA

## NOTA DE ABERTURA

Este pequeno opúsculo, editado pela ISAPress, tem por objetivo homenagear o Prof. Sertório do Monte Pereira. Nele se recorda um texto intitulado “A produção agrícola” inserido no Livro "Notas sobre Portugal", uma compilação sobre a realidade económica e social do país que acompanhou a representação de Portugal na Exposição Nacional no Rio de Janeiro, em 1908. O Prof. Sertório do Monte Pereira foi um homem notável na história das ciências agrárias em Portugal. Formado em 1887, foi um académico ímpar, um defensor da aplicação da ciência na extensão à comunidade rural. Não menos importante, foi um interveniente ativo na defesa de políticas públicas agrícolas, tendo sido testemunha de alguns dos desafios, oportunidades e contradições que acompanharam o desenvolvimento de Portugal no sector agrário no início do século XX. Como enquadramento, a Prof<sup>a</sup> Maria Carlos Radich fez, a nosso pedido e melhor que ninguém, uma excecional síntese biográfica do percurso e do ideal do Prof Sertório do Monte Pereira, identificando vários elementos que realçam a complexidade dos contextos da época e o legado positivo que o Prof. Sertório do Monte Pereira deixou ao longo da sua passagem por diversos cargos e funções de alto nível. O meu agradecimento à Prof<sup>a</sup> Maria Carlos Radich pela sua disponibilidade para nos elucidar melhor sobre quem foi o Prof. Sertório do Monte Pereira e o seu legado.

A partir de agora, a memória do Prof. Sertório do Monte Pereira perdurará também pela sua ligação a uma infraestrutura que serve, de forma exemplar, o ensino e a investigação no Instituto Superior de Agronomia (ISA). O Edifício Prof. Sertório do Monte Pereira acolhe, no Piso 2, a área disciplinar de Economia, Gestão e Sociologia e a área disciplinar de Matemática. O Piso 1 acolhe o CIBIO (UP), unidade do Laboratório Associado INBIO ao qual também pertence o Centro de Ecologia Aplicada Baeta Neves (CEABN), sendo que este também ocupa o edifício “Casal Saloio” no campus da Tapada da Ajuda. O Piso 0 recebeu a área disciplinar de Engenharia Rural, esta também com espaço disponível no Edifício Ferreira Lapa. No total, são cerca de 2000 m<sup>2</sup>, entre gabinetes, áreas laboratoriais e áreas comuns, cujos trabalhos de reabilitação terminaram, na

totalidade, no final de 2022. Recorde-se que a necessidade desta infraestrutura resultou de sucessivos alertas efetuados por docentes que ocupavam o denominado *Pavilhão Anexo*, um equipamento provisório construído no final da década de 70 e que apresenta sinais muito evidentes de fadiga estrutural, confirmadas por auditorias do LNEC.

Neste quadro, gostaria de registar o trabalho da Dr<sup>a</sup> Maria José Cunha, a Secretária do ISA e membro do Conselho de Gestão nos anos de 2018 e 2019, período em que se fez um significativo esforço para se ultrapassarem as dificuldades em retomarmos a posse deste edifício, numa articulação com o então reitor da Universidade de Lisboa, Prof. António Cruz Serra. Realço ainda a competência e o empenho do Eng.º Nuno Rosado, responsável pelo Departamento de Infraestruturas, Segurança e Ambiente do ISA, nas empreitadas de requalificação. Aos dois, o meu muito obrigado, extensível aos docentes, investigadores e técnicos administrativos que estiveram envolvidos nesta mudança e que, de forma positiva, ultrapassaram os problemas e constrangimentos que foram sendo colocados. Por último, cabe registar que esta edição não teria sido possível sem a reconhecida perseverança e empenho da Dr<sup>a</sup> Maria Rosário Fernandes (BISA e ISAPress).

Todos estamos cientes que haverá sempre um intenso trabalho a fazer para que o ISA continue a afirmar-se como a “...maior e mais qualificada escola de ciências agrárias em Portugal”. A qualidade e adequação das instalações e infraestruturas a essa ambição são, certamente, um dos elementos estratégicos importantes para a Escola atingir esse objetivo. Nesse sentido, o Edifício Prof. Sertório do Monte Pereira, acolhendo mais de 50 docentes e investigadores, estará a cumprir a sua missão.

António Guerreiro de Brito  
*Presidente do Instituto Superior de Agronomia*

Setembro de 2024

Maria Carlos Radich <sup>1</sup>

## **Sertório do Monte Pereira**

Sertório do Monte Pereira (1858-1915) foi um dos mais destacados agrónomos portugueses. Formou-se no Instituto Geral de Agricultura – uma das antigas designações do actual Instituto Superior de Agronomia – onde se preparou para um percurso profissional diversificado e intenso.

Pouco depois de finalizar o curso, exerceu as funções de agrónomo no distrito de Aveiro, cargo em que não permaneceu muito tempo. Em 1887 tornou-se professor na escola em que estudara, iniciando então uma longa carreira docente.

Na sua actividade lectiva, sobressai a cadeira de “Agricultura Geral e Culturas Arvenses”. Ciente de que as lições teóricas deveriam estar solidamente articuladas com o ensino experimental, esforçou-se por ampliar os meios de que inicialmente dispunha para o efeito. Juntamente com colegas seus, que partilhavam essa mesma convicção, conseguiu que a Quinta de Montalegre, na Estrada da Luz, fosse disponibilizada pelo seu proprietário, para uso do Instituto.

Ao exercício da docência articularam-se outras actividades. Os professores do Instituto tinham também em comum uma cultura de presença e de intervenção directa na sociedade, para além de o fazerem através dos seus alunos, e do que lhes ensinavam. As conferências, por exemplo, constituíam uma forma de divulgar conhecimentos agronómicos junto de um público mais alargado e recortado de preferência nas elites rurais do país. Monte Pereira distribuiu os seus contributos nomeadamente pela Sociedade de Geografia, Real Associação Central da Agricultura Portuguesa, Sociedade de Ciências Agronómicas..., tendo sido, a seu tempo, director destas duas últimas instituições.

<sup>1</sup>Engenheira agrónoma (ISA); professora catedrática aposentada do ISCTE-IUL

A palavra escrita acompanhou a palavra dita. Os artigos de Sertório do Monte Pereira foram sendo publicados em prestigiadas revistas portuguesas – *Agricultura Contemporânea, Revista Agronómica, Portugal Agrícola, Vinha Portuguesa, Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa, Século Agrícola*,... Na charneira dos séculos XIX e XX, colaborou em diversas obras colectivas, com frequência publicadas na sequência de congressos agrícolas, ou elaboradas para serem apresentadas acompanhando exposições. O tempo convidava à síntese. Com efeito, ao longo da segunda metade do século XIX, tinha-se acumulado uma grande massa de conhecimentos, praticamente em todas as áreas das ciências e das técnicas agrárias e domínios correlativos, mas não raro retalhados por um grande número de temas específicos. Convinha ir reunindo esses fios, de forma a conseguir visões de conjunto. Monte Pereira participou nesse esforço, sendo de salientar os textos sobre os cereais, publicado na obra, *Le Portugal au point de vue agricole*, 1900, vinho (texto apresentado no Congresso Vitícola Nacional, de 1895, e incluído nas *Notas sobre Portugal, 1908*), azeite (Congresso Oleícola de Lisboa, 1905), e uma visão mais integrada e ampla, “A produção agrícola”, publicada também nas *Notas sobre Portugal*.

A este conjunto de trabalhos de índole mais académica, soma-se um outro eixo de actividade, referente à sua participação no quadro da política e da administração pública. Nestes âmbitos, foi deputado, chamado a colaborar com diversos ministros, e a integrar diferentes comissões. Ocupou altos cargos na administração pública, destacando-se a presidência do conselho administrativo do Mercado Central de Produtos Agrícolas, a partir de 1889, da Junta de Crédito Agrícola e do Conselho de Fomento Comercial dos Produtos Agrícolas tendo, neste último caso, sido nomeado já perto do fim da sua vida.

Como atrás se assinalou, “A produção agrícola” foi publicada pela primeira vez em 1908, tendo então integrado o volume I do livro *Notas sobre Portugal*. Esta obra colectiva foi elaborada para acompanhar os produtos apresentados pela secção portuguesa na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, que teve lugar nesse mesmo ano. O objectivo era reunir um conjunto de trabalhos

diversificados, e em número suficiente para espelharem o que era então a realidade económica e social do nosso país.

Este projecto inicial não pôde, contudo, ser integralmente realizado. A turbulência pública decorrente do regicídio (1 de Fevereiro de 1908) impediu que parte dos colaboradores previstos correspondesse ao solicitado, o que deixou lacunas de vulto no quadro que se queria construir. Uma das consequências desta limitação foi a de levar a substituir o título que fora previsto, *Portugal, sua vida social e económica*, pelo de *Notas sobre Portugal*, menos amplo e menos ambicioso, mas mais adequado à soma de trabalhos finalmente recolhida.

Por felicidade, “A produção agrícola” escapou à borrasca de 1908, e pôde ser dada à estampa no momento adequado. O termo “agrícola” que figura no título e no texto não é usado no sentido amplo, que frequentemente engloba a pecuária e mesmo a floresta. Na organização das *Notas*, a pecuária foi remetida para um texto separado – o que Monte Pereira apontou, para justificar a omissão dessa matéria no seu próprio estudo. O mesmo aconteceu com a silvicultura. Também dentro do campo restritamente considerado “agrícola” houve partes que se autonomizaram: a produção vitícola, confiada também a Monte Pereira, a olivícola e, bem assim, indústrias anexas à exploração agrícola, como a do azeite e a do leite.

Apesar destes cortes, não faltou matéria para a elaboração de “A produção agrícola”. Como também já se referiu, o conhecimento da agricultura portuguesa ampliara-se muito, durante a segunda metade do século XIX. Sertório do Monte Pereira dispunha, assim, de um rico material, para cuja formação, aliás, contribuía. As *Notas* proporcionavam-lhe a oportunidade de avançar para uma síntese ou, pelo menos, de apontar os traços mais relevantes da agricultura portuguesa de então.

Em qualquer um dos dois principais tópicos em torno dos quais o texto se organiza – condições naturais e condições económicas da agricultura portuguesa – incrustadas nas matérias a que são concedidos mais espaço e maior destaque, se encontram temas que foram remetidos para lugar secundário, a que o autor apenas aludiu, ou deixou por concluir. Nada impede, porém que aqui se retomem e se

ampliem um pouco um ou dois desses apontamentos, no sentido de tentar entender os motivos pelos quais Monte Pereira não os desenvolveu, mas também não prescindiu de referi-los.

É numa nota de pé de página que se encontra a crítica que Monte Pereira dirigiu aos dados, de que era possível dispor na charneira dos séculos XIX e XX, sobre a ocupação agrícola do continente português. Tal informação resultava do apuramento concluído, não muitos anos antes, das áreas submetidas às culturas agrícolas, das florestadas, e das que não estavam nem cultivadas, nem revestidas de arvoredo.

Estes dados tinham atrás de si uma longa história. Saber qual a utilização que estava a ser dada ao território português era uma questão antiga, para a qual se procurara a resposta em diversos momentos anteriores. Sucede que a informação obtida pecara sempre pela imprecisão. As áreas eram estimadas “a olho”, ou resultavam de cálculos indirectos, baseados nas estatísticas existentes. No entanto, insistia-se em conhecê-las, nomeadamente a que não se considerava utilmente utilizada – os denominados “incultos”. Admitia-se que, no dia em que fossem devidamente aproveitados, a riqueza do país seria notavelmente aumentada.

No sentido de tornar finalmente rigorosa a avaliação dessas áreas, foi superiormente determinado em 1886 que, em todo o país, fosse realizado um levantamento topográfico que indicasse a extensão e localização de todas essas diferentes áreas. A versão, em mapa, desse trabalho constituiria a Carta Agrícola.

Este vasto trabalho demorou quase duas décadas. Iniciado com todo o cuidado, foi encerrado precipitadamente, nos finais do século XIX, por circunstâncias que se prendiam com as dificuldades financeiras do Estado. Os valores obtidos para o país, que resultavam da soma das áreas parciais que tinham sido apuradas, começaram a ser tornados públicos pela Direcção da Carta Agrícola, em 1902.

Foi com esta informação que Monte Pereira se confrontou, quando pretendeu usá-la para o trabalho que tinha em mãos, o que não deixou de fazer.

Mas, como se constata pela leitura, não lhe pareceu nada bem o critério que levou a admitir um enorme conglomerado de áreas (3,9 milhões de hectares, aproximadamente) de muito diferente significado agrícola. Recorrendo à sua experiência, e conhecimento que tinha do país e da bibliografia, desagregou esse total, estimando a extensão de cada uma das parcelas, pondo em causa uma parte, pelo menos, das avaliações realizadas. Desenganou, assim, os que acreditavam que o tempo do rigor tinha chegado, e que era possível dispensar o velho método da avaliação “a olho”.

Restaria saber a razão que levou Monte Pereira a remeter para uma nota de rodapé uma matéria que tanta importância tinha tido, e iria continuar a ter para a Agronomia. De facto, depois da sua crítica, e para quem lhe reconhecesse o bom fundamento, não restava nenhum ponto de apoio sólido para traçar a evolução da utilização do território português, ao longo dos séculos XIX e XX. É possível (mas não certo) que o prolongamento da apreciação dos critérios da Carta Agrícola se lhe afigurasse desnecessário e deslocado, num texto dedicado à produção agrícola.

Atenda-se, por último, a um assunto que Monte Pereira abordou, mas que deixou incompleto: a explicação do paradoxo de estarem os poderes públicos empenhados em defender e fomentar a cultura cerealífera, sobretudo a do trigo, quando as condições naturais do território, sabia-se, não eram propícias a tal cultura.

Um dos conhecimentos que a Agronomia conseguiu aprofundar, na segunda metade do século XIX, apoiando-se nos progressos da Meteorologia e da Geologia, foi a caracterização do clima e dos solos de Portugal. Não se tratava de pura curiosidade científica. O objectivo que a movia era o de partir das condições naturais do território para *deduzir* a orientação cultural a imprimir à agricultura. Nos finais do século, tinha estabelecido com firmeza que, no geral, o país mostrava aptidão para as culturas lenhosas, arbóreas e arbustivas. Não para a cultura cerealífera.

É esta convicção que Sertório do Monte Pereira desdobra no seu texto, no qual caracteriza cuidadosamente o clima (não os solos, aos quais prestou aqui menos atenção), e confirma a aptidão para as lenhosas, não para os cereais. O que estes tinham a seu favor era, principalmente, o peso da tradição. Depois de exprimir tal posição, seria de esperar que Monte Pereira seguisse o caminho que a dedução apontava e se empenhasse em defender e propor uma mudança de rumo para a agricultura portuguesa.

Porém, tal não aconteceu.

Em “A produção agrícola”, está ausente o esclarecimento do facto. É num texto anterior, dedicado aos cereais, e inserto na obra, *Le Portugal au point de vue agricole* (1900), que a explicação surge, e enunciada com meridiana clareza. Recorrendo a um exercício de adivinhação mais, pode admitir-se que a proximidade temporal dos dois textos tenha convencido o seu autor a não se repetir. Era inevitável abordar as condições naturais da agricultura, no segundo texto, mas poderia omitir as circunstâncias, económicas e sociais, que a envolviam.

Acompanhe-se Monte Pereira na sua digressão por esse contexto: quando se atingiu a última década do século XIX, havia já tempo que o consumo de cereais aumentava no país, mas não a sua produção. O resultado era o aumento das importações, e do peso dos mercados externos no abastecimento do país. Com efeito, e tal como a Europa em geral, Portugal confrontava-se com uma invasão de trigo americano, a baixo preço.

O resultado foi demolidor para a cultura do trigo, que estagnou, e mesmo recuou, em boa parte do país, Sul incluído. Nesta situação, produtores de trigo e grandes proprietários afectados reuniram-se em sucessivos congressos, e apelaram aos poderes públicos apoio para a sua situação e para os seus interesses. Os governos reconheceram a razão que lhes assistia, e corresponderam a esses insistentes pedidos, tanto mais quanto estavam a ver o país a colocar-se na dependência do estrangeiro, em matéria de alimentação. Assim, e seguindo o exemplo da Europa, que se debatia com semelhante problema, Portugal aderiu ao

proteccionismo, aprovando um regime especial para o comércio do trigo que culminou na lei de 14 de Julho de 1899 e no regulamento de 16 de Novembro, desse mesmo ano. A lei garantia a venda do trigo nacional, a um preço não apenas compensador, mas que possibilitava o desenvolvimento dessa cultura, assegurava a exploração económica da indústria de moagem e lograva ainda evitar a subida do preço do pão. Não proibia a compra do trigo estrangeiro, mas obrigava a moagem a comprar primeiro o trigo nacional, no mercado interno, até o esgotar. Impunha também que as compras de trigo exótico fossem feitas na proporção do trigo nacional que tivessem comprado.

Parece não haver dúvida de que o argumento derivado das condições naturais encontrava um outro, que se lhe opunha frontalmente, e não deixava de pé nenhuma possibilidade de conciliação. Era inevitável optar.

Agarrado na tenaz que assim se forjara, Sertório do Monte Pereira escolheu a política proteccionista. A sua posição afigura-se tanto mais decidida quanto se sabe que colaborou na elaboração da lei de 1899, apelidada geralmente de “Lei da Fome”, (“Lei Benemérita”, em certos círculos). Abandonava, assim, a hipótese de pugnar por uma reconversão da agricultura portuguesa em harmonia com a aptidão do território. Mas, apesar da prontidão e da firmeza com que tomou partido, talvez se possa encontrar nesse abandono uma pontinha de pesar:

“Se alguma vez os mercados se abrissem ao livre câmbio de todos os bens indistintamente, e se o progresso das indústrias de transporte e a difusão expansiva dos artigos de comércio permitissem a cada país especializar-se industrialmente, limitando-se aos seus produtos mais naturais, Portugal poderia abandonar ou, pelo menos, restringir consideravelmente a cultura cerealífera, para alargar a exploração das plantas lenhosas, incontestavelmente melhor adaptadas à natureza do clima, quase por todo o lado quente, seco e variável, como é o nosso. (...)”.

## **Bibliografia**

Filippe Figueiredo – *O antigo Instituto Agrícola e a sua obra (1852-1911)*, 1917.

*Le Portugal au point de vue agricole*, 1900

Conceição Andrade Martins, “Sertório do Monte Pereira”, *Dicionário Biográfico Parlamentar*, 2006.

*Notas sobre Portugal*, 1908

Maria Carlos Radich, “Meio físico e agricultura – uma questão oitocentista”, *Ler História*, 50, 2006.

Maria Carlos Radich; Fernando Oliveira Baptista, “A Carta Agrícola, 1882-1910”, *Terra e Agricultura. Século XX*, 2021

Jaime Reis, *O atraso económico português, 1850-1930*, 1993.







## A PRODUÇÃO AGRÍCOLA



POPULAÇÃO do continente português, segundo o censo referido a 1 de dezembro de 1900, era, naquela data, de 5.016:267 habitantes, dos quaes 2.287:128 exerciam profissões lucrativas, constituindo o que se denomina população activa, a cargo da qual está o sustento de todos os habitantes.

Segundo o mesmo censo, e considerando actuaes os seus resultados<sup>1</sup>, 3.092:730 individuos, de ambos os sexos, vivem directamente dos rendimentos do trabalho agrícola, sustentados pela actividade de 1:406:054 trabalhadores de ambos os sexos e de todas as categorias. Assim 61,65 por cento da população total vive da agricultura, a qual emprega e remunera 61,47 por cento de toda a população activa.

Esta saliente predominancia do trabalho agrícola e do seu rendimento, sobre o conjunto de todas as outras formas de actividade da população, define e accentua a physionomia actual da economia portuguesa, constituída, quasi exclusivamente, pela agricultura e por um commercio que também principalmente trabalha com mercadorias agrícolas.

<sup>1</sup> Em 8 annos quasi, aumentou consideravelmente a população. Applicando o coefficiente de crescimento annual apurado na comparação dos annos anteriores, que é de 0,76, a população actual do continente deve ser 5.321:251 habitantes. Não é possível, porem, determinar a proporção das diversas categorias profissionaes em que se distribue a população.

## A produção agrícola

O commercio de exportação, que envia para o estrangeiro, em cada anno, mercadorias no valor de mais de 29.400:000\$000 reis, incluye cêrca de 60 por cento de valores provenientes da industria agraria. O commercio interno, mais importante, transacciona sobre gados, vinhos, cereaes, cortiças, lãs e azeites.

Toda esta actividade agricola se exerce e vive sobre uma area productiva que deve exceder 7.000:000 hectares<sup>1</sup>, ou sejam 78,55 por cento da area total do país.

Sobre toda esta superficie, embora com muito desigual intensidade, se exerce o trabalho agrícola desde a mais intensiva cultura hortense, da batata, do milho e da vinha, passando pelas extensas searas de cereaes praganosos, até os pousios, as pastagens e as charnechas, onde o trabalho se reduz ao apascentar do gado em restricta epoca do anno. D'esta area provém tambem a materia prima sobre que se exercem todas as industrias ruraes, fabrico de vinho, de azeite, de lactinios, distillação, etc.

Referindo á superficie productiva todo o trabalho de que é susceptivel a população agrícola activa, encontramos uma quota de trabalho pessoal por hectare de 0,201, ou que 1 trabalhador corresponde a 4,97 hectares, o que dá, por hectare da area productiva, 54 jornaes, necessarios para se effectuar toda a nossa produção agrícola, cultural e industrial. O quadro seguinte mostra a quota de trabalho pessoal, por hectare productivo, em diversos paises cuja estrutura agricola é comparavel á nossa:

Países	População que exerce profissões agricolas	Area productiva em hectares	Quota de trabalho pessoal	Relação	
				Individuo	Hectares
Espanha <sup>2</sup>	4.854:742	43.293:553	0,112	1 para	8,92
França	8.176:569	45.914:098	0,178	“ “	5,60
Hungria	6.055:399	30.792:869	0,197	“ “	5,07
Belgica	449:902	2.257:669	0,200	“ “	5,00
Portugal	1.406:054	7.000:000	0,201	“ “	4,97
Austria	8.205:574	28.249:622	0,290	“ “	3,44
Itália	9.611:003	24.024:00	0,400	“ “	2,50

<sup>1</sup> Adeante se justificará este numero.

<sup>2</sup> A quota de trabalho pessoal actualmente em Espanha deve ser diversa. O numero de trabalhadores que vae no quadro é uma estimativa effectuada pelo Instituto Geographico de Madrid em 1889.

## A produção agrícola

A quota de trabalho pessoal, por hectare, varia no mesmo sentido, com a intensidade da produção, e, em sentido inverso, com a energia e a capacidade do trabalhador, a qual pode ser ampliada pela educação profissional, pelo esforço dos motores animaes e mecanicos, pelo emprego das machinas e pela perfeição dos processos technicos e administrativos. E tal é a influencia d'estes factores no reforço da capacidade productora da população agricola activa, que esta diminue em todos os paises attrahida pelos grandes centros e dispensada pelo aperfeiçoamento das aptidões do trabalhador cada vez melhor utensiliado e incorporado em organizações successivamente mais perfeitas. Em uma estatistica comparada do trabalho americano, nos arrozaes, com o de outros países, consigna-se que um trabalhador americano equivale a 16 trabalhadores italianos ou espanhoes (Giglioli). Taes são os poderosos instrumentos e methodos de trabalho que a America do Norte adaptou. É provavelmente tambem a influencia dos factores que ampliam a capacidade productora do trabalhador que determinam a ordem dos paises no quadro anterior, diversa d'aquella em que naturalmente os disporia a unica consideração da intensidade da produção.

Assim, a França e a Belgica figuram com uma quota inferior á nossa e á da Hungria, sendo paises de uma intensidade cultural muito superior. O facto explica-se bem em face da estatistica (Picard) do movimento da população agricola e da cultura em França. Ao passo que a população agricola activa diminue na totalidade, mais rapidamente ainda do que em outros paises, o numero de *chefes de cultura* aumenta, o que revela o predominio crescente do trabalho intelligente e director, sobre o trabalho braçal e rude. Tambem os inquéritos decenaes revelam que na França, país classico da pequena propriedade, começou já o movimento da concentração territorial e cultural, desenvolvendo-se a media propriedade e exploração. O contrario precisamente do que se passa na Hungria, onde o movimento de divisão da propriedade todos os dias se accentua, ao mesmo tempo que a cultura se intensifica. A Belgica, a Austria e a Italia<sup>1</sup> são paises de grande intensidade de produção. Na Belgica e na Austria, a despeito da generalização das machinas, da perfeição da educação profissional e da

<sup>1</sup>Na Italia, a densidade da população, os habitos tradicionaes de trabalho e a pratica muito geral das culturas simultaneas dão uma intensidade á produção a que não corresponde a produção especifica de cada cultura.

## A producção agricola

organização technica da sua exploração agricola, a quota do trabalho pessoal eleva-se pelo incremento das culturas industriaes e hortenses e pelo desenvolvimento das industrias agricolas.

Afigura-se-nos, pois, que a nossa quota de trabalho pessoal,

o mais caro de todos os factores da producção, representa um encargo muito pesado para a intensidade da cultura portuguesa; sem plantas industriaes, com uma horticultura restricta. A vinha e a cultura da populosa zona que se estende do Tejo ao Minho, entre a região montanhosa e o litoral, explicam esta condensação elevada do trabalho humano por uma exploração quasi exclusivamente braçal.

Outras condições diminuem, consideravelmente, o effeito util da actividade da população portuguesa.

A elevada temperatura durante uma parte do anno, especialmente ao sul do país, as chuvas mal distribuidas, a extrema secura do ar nas regiões interiores, abatem a energia do trabalhador e excluem alguns terrenos, durante epochas relativamente longas, da possibilidade do trabalho.

A ma constituição dos predios agricolas, tornando quasi sempre impossivel o estabelecimento de uma exploração num só predio, obriga a dispersar serviços, a perdas de tempo em deslocações improductivas, difficulta a vigilancia e o aproveitamento completo do trabalho.

A alimentação do trabalhador, particularmente do minhoto e do beirão, é muito deficiente. Ao sul, o trabalhador agricola é melhor alimentado, mas é onde o clima mais deprime, pela oscillação desconjuntante da temperatura e pela excessiva secura. A insalubridade de uma grande parte do país, as habitações acanhadas, por vezes miseráveis, e a completa ausencia de disciplina hygienica das populações ruraes, são outras causas provaveis do abatimento da energia do trabalhador, aliás fundamentalmente capaz de uma grande resistencia.

O clima permite o aproveitamento quasi completo do anno na generalidade do país. Dispomos de um numero de dias de trabalho superior ao dos paises do norte, com excepção das regiões restrictas em que a secura torna inacessivel ao trabalho, com os meios mecanicos de que vulgarmente dispomos, alguns terrenos

Assim, a producção media da vinha em toda a Italia é apenas de 8 hectolitros por hectare. Todavia, a Italia é o pais mais viticola do mundo, tendo mais de 4.000:000 de hectares occupados pelas vinhas, mas onde apenas 500:000 hectares são em cultura extreme, sendo toda a restante area tratada com culturas intercalares as mais diversas. As pessimas condições de alimentação de uma parte da população rural italiana são porventura tambem uma causa da elevada quota do trabalho pessoal d'este país. (Giglioli).

## A produção agrícola

durante pouco tempo. Mas os hábitos religiosos e a educação atenuam consideravelmente, sobretudo no norte, o número de dias efectivos de trabalho. Segundo Schwertz, nos países protestantes ha 290 a 300 dias uteis, e nos catholicos 240 a 280. Entre nós não se deve contar com mais de 260 dias, visto como os dias santos, as festas, os arraiaes, tiram ao trabalhador do norte muito tempo. Nas regiões do sul, onde são mais frouxas as praticas religiosas, é o clima e a indolencia da raça que reduzem o numero de dias uteis.

A doença, principalmente o sezonismo, contribue tambem para inutilizar temporariamente muitos trabalhadores e enfraquecer-lhes a energia.

Para compensar estas perdas, a duração do dia de trabalho é quasi indefinida numa grande parte do país, e sempre muito maior do que no estrangeiro, com excepção das nossas regiões mais palustres, onde o dia de trabalho chega a durar apenas 7 horas.

Ao passo que lá fora a duração de 12 horas é considerada excepção excessiva, em Portugal o dia de trabalho chega a durar 17 horas! No centro e no norte do país, o camponês trabalha muita vez de noite nas suas terras, para aproveitar o dia no trabalho a jornal.

O trabalho de noite podia e devia ser adoptado em certos serviços urgentes, ao sul do país, em ceifas principalmente e tambem em lavouras de estio. Como se pratica ao norte é um exagero extenuante, que deprime as qualidades de resistencia que caracterizam a raça que povoa Portugal do Mondego para o norte.

Ajuntemos a falta de educação profissional e technica, a, geralmente, imperfeita e rudimentar alfaia, onde precisamente a cultura mais trabalho exige, e a, frequentemente má, organização das empresas agrícolas, e teremos talvez a explicação da elevada quota de trabalho pessoal que encontrámos.

Felizmente, a maior parte d'estas causas são removiveis.

Com uma notavel resistencia, um clima que permite uma actividade quasi permanente, ao homem e á vegetação, a população portuguesa agricola tem um largo futuro deante de si, quando uma alimentação melhor, habitação e hábitos hygienicos, o saneamento de muitas regiões, o aproveitamento das aguas, a

educação technica, a melhor adaptação das culturas, o emprego mais geral das machinas e uma organização agraria mais perfeita, permittam levantar a energia da raça, utilizar completamente a capacidade do clima, diminuir os desperdícios de actividade e aumentar o rendimento do trabalho.

**Condições naturaes da agricultura em Portugal.** -O effeito util do trabalho pessoal não depende, sobretudo em agricultura, somente da sua energia e aptidão e dos aparelhos e instrumentos que podem aumentar-lhe a efficacia. O *vegetal* é o machinismo fundamental da agricultura e a energia que despende é muito superior á do trabalho pessoal e animal que a agricultura emprega. «Ao passo que para levar a cabo a cultura de um hectare de trigo são precisos 30 jornaes de cavallo atrelado, 11 a 12 cavallos-vapor, o trabalho da vegetação para constituir a colheita despende a energia equivalente á que produziriam 2:600 cavallos-vapor, trabalhando 24 horas, ou 7:800 dias de cavallo atrelado». (Tisserand)<sup>1</sup>

O calor e a luz, a energia solar, são os motores que alimentam a immensa actividade vegetal e lhe permittem utilizar a agua e os materiaes dispersos no solo e no ar, indispensáveis á constituição das colheitas.

O *clima* radiante de Portugal, formula da combinação d'esses factores essenciaes da vegetação, põe á disposição dos nossos agricultores uma energia solar inesgotavel, mas fornecida irregular e desigualmente no espaço e no tempo. Do mesmo modo é irregular e muitas vezes escasseia a agua, indispensavel á utilização da energia disponível do clima e que modifica a sua acção.

Numa grande parte do pais o clima é agreste e de uma irregularidade desconjuntante. A oscillação geral das producções agrícolas accusa salientemente este caracter geral dos nossos climas.

Os cereaes teem muitas vezes oscillações de producção que vão do simples ao quintuplo. As plantas lenhosas mesmo, defendidas pelos seus tecidos de reserva e pelo seu vasto aparelho radicular, não conseguem attenuar completamente a influencia das variações climatericas, que actuam fortemente nas producções annuaes. A propria vinha, a mais expansiva das nossas culturas, dá producções que variam, frequentemente, do simples ao duplo.

<sup>1</sup>Citado por Picard, *Le bilan d'un siècle*

## A produção agrícola

Não faremos aqui uma analyse pormenorizada das condições climicas do país, provavelmente já feita em outra parte d'este livro. Para os intuitos d'este capitulo basta uma descrição summaria dos seus aspectos mais impressivamente agricolas.

Temos em primeiro logar o amphitheatro algarvio, exposto ao sul, subindo desde os terrenos salgados do litoral, que as marés cobrem na praiamar, até os planos superiores das serras do Caldeirão e de Monchique, a primeira das quaes attinge a curva de nivel de 575 metros e a segunda a de 900. A vegetação marca as variações do clima, repetindo a flora argelina, na palmeira das vassouras, e a das elevadas latitudes nos castanheiros de Monchique, passando pelas alfarrobeiras, amendoeiras e figueiras, pelos carvalhos de folha caduca e pelos sobreiros e azinheiras. A flora arvensis vaee desde o esparto até ao milho, trigo e o centeio. Uma larga faixa litoral, quente, com poucas chuvas de 2,2 milímetros em agosto, 8,5 em maio, 104,4 em dezembro, é regada por innumeradas linhas de agua, ravinhas, ribeiros e alguns rios, alimentados pelas aguas condensadas nas altas paredes das serranias onde vão esbater-se os ventos predominantes de oeste e do sul. Trata-se, porem, em grande parte de correntes temporarias, sêcas no estio. Onde a agua abunda, a radiação exuberante do clima é utilizada ao máximo, a vegetação luxuriante, a cultura intensifica-se e apparece a horticultura dos arredores de Faro, de Albufeira e de Villa Real de Santo Antonio, em pleno desenvolvimento, e que promete um prospero futuro, graças ao clima, que lhe permite uma precocidade na maturação das colheitas, antecipada quinze dias das regiões mediterraneas. A agua permite ainda o dessalgamento de vastos terrenos costeiros hoje desaproveitados, mas suscetiveis de uma alta fertilidade, como o demonstra a feliz iniciativa de alguns agricultores que já defenderam extensões importantes da invasão do mar. O Algarve é uma das regiões do país que mais vasto e promettedor campo oferece á iniciativa da sua população intelligente e activa e dos capitães disponiveis, frequentemente attrahidos por collocações aliás muito menos rendosas.

Nas regiões onde agua corrente não abunda, a figueira, a amendoeira e a

## A produção agrícola

alfarrobeira constituem a flora cultivada predominante, e definem o facies tão original e tão característico da agricultura algarvia. Depois seguem os montados, e a cultura muda de aspecto a confundir-se com a da vastidão alemtejana. No alto da serra de Monchique, a 900 metros de altitude, de onde se descobre uma das mais bellas vistas panoramicas do mundo, ha ainda a mancha pittoresca do verde fresco do castanheiro, que só torna a apparecer caminhando para o norte, na serra de Portalegre.

Seguindo a costa de Portugal do Algarve ao Sado, a zona litoral é estreita e pouco importante. Alem dos vastos areas das praias baixas logo o clima alemtejano quente e seco cresta a vegetação e rarefaz a actividade agricola. Ha nesta faixa uma excepção ao aspecto geral indicado. Em S. Tiago de Cacem, a serra de Grandola, recebendo os ventos do oceano e condensando a humidade maritima attenua a secura, baixa um pouco a temperatura e ameniza o clima. Constitue uma das mais apreciaveis regiões pomícolas do país.

Segue depois a região entre Sado e Tejo, formando a temperada e pitoresca península chamada de Setubal e fazendo penetrar a feição climica litoral profundamente no país pelos vastos e fertilíssimos terrenos marginaes dos dois grandes rios, Tejo e Sado.

É possível toda a vegetação, desde a sub-tropical na vertente sul da serra da Arrabida, até o milho e o trigo e as extensas pastagens. Oscillações de temperatura que não excedem 8 graus; chuva quasi sempre sufficiente; humidade relativa bastante em toda a duração da vegetação; temperatura media em janeiro de 10°, de 16° em maio, de 21° em agosto. Regiões pomícolas das mais notaveis do país, os pomares de Setubal, os de Alcube em Azeitão, os celebrados de Garrett no Valle de Santarem. As ferteis e extensas lezirias do Tejo e do Sado, por onde se espalham os melhores e os mais vastos trigaes portugueses. As ganadarias mais notaveis do país são tambem aqui. A horticultura da margem esquerda do Tejo é a mais extensa do país: repollo, batata, couve, etc., avançando pelo rio acima até montante de Santarem, não em faixa continua mas intercalados na grande zona cerealifera. A vinha é a mais productiva do país e ahi se encontram os nossos mais

## A produção agrícola

extensos vinhedos e até o maior do mundo, pertencente ao grande e inteligente lavrador José Maria dos Santos. Cereaes, gados, vinhos, azeite, frutas e legumes, quasi todas as produções do país, e ainda restam incultos largos tratos de terreno, e a cultura é, na maxima parte d'esta região, muito pouco intensiva, ainda intercalada de pousios. É seguramente a região do país que melhor se presta aos grandes empreendimentos agrícolas. A fertilidade elevada de uma grande parte do territorio, a regularidade relativa do clima, a extensão dos predios e o equilibrio da sua estructura, o relativo atraso da cultura, a fraca densidade da população, o auxilio inapreciavel dos dois grandes rios que a limitam ao norte e ao sul, fornecedores perennes e abundantissimos de aguas para a irrigação possível da sua maxima extensão, offerecendo ao mesmo tempo duas bellas linhas navegaveis que podem aumentar consideravelmente, com largas superficies de terrenos salgados, de paues, de lamaças que as preamares cobrem, e que podem ser saneados e defendidos, tudo nesta região garante bom exito, abre e facilita largas areas á expansão das iniciativas inteligentes e energicas e aos capitaes mais cautelosos. Quando em Portugal se iniciar effectiva e decididamente uma politica de verdadeiro fomento, é tambem aqui que o talento, o saber e a habilidade dos estadistas melhor poderão afirmar a sua acção reformadora.

Seguindo pelo litoral para o norte são agora bem diversos o aspecto e os recursos das regiões que seguem.

Primeiro, ao sul da serra de Cintra, uma região semelhante á algarvia e á vertente sul da Arrabida, onde com agua e habilidade technica se pode criar uma região de primores, hortícola, pomicola e floricola. Depois d'aquella serra, segue a zona litoral com muito irregular contorno e largura variavel desde o maximo de 50 kilometros nos valles do Mondego e do Vouga até estreitar-se tanto que quasi se reduz aos areaes da costa, ao norte de Ovar, continuando assim até Villa do Conde, onde começa outra vez a alargar e a penetrar, por vezes profundamente, no interior do país, pelos valles dos rios minhotos, pelas varzeas e encostas suaves que os marginam, até o extremo norte de Portugal. E se o clima suave, e agora relativamente mais humido, continua a frisar bem o seu character litoral geral, não é todavia constante o aspecto em toda a larga extensão d'esta zona.

## A produção agrícola

A propriedade e a cultura vão em progressiva divisão até o norte do país, acompanhando a densidade da população, que paralelamente aumenta. Regiões vitícolas diversas mancham por vezes e com vario valor e importancia esta comprida região. Ao descer da serra de Cintra vem logo *Collares*, a que produz um dos melhores vinhos de Portugal e é, ao mesmo tempo, povoada de pomares e vergéis. Depois vem Torres Vedras, uma das mais antigas vinhatarias nacionaes, rudemente devastada pela phylloxera, mas uma das primeiras reconstituídas num belo élan de energia e persistencia. Segue a região da aguardente, de vinhedos de extraordinaria produção de vinhos brancos e de baixa gradação, quasi todos aproveitados na distillação. Começa aqui e continua . depois a mais extensa região frutifera portuguesa, pelas Caldas e Alcobaça.

Torna a apparecer a vinha na foz do Mondego, nos baixos de Lavos com os conhecidos e desagradáveis cervejões. Mais ao norte, vem a Bairrada com alguns excellentes vinhos de lote e onde hoje se faz uma apreciavel e bem promettedora produção de vinhos espumosos.

Em toda a parte litoral do districto de Aveiro a vinha é pouco importante, mas principia, no norte d'este districto, a differenciar-se uma nova feição vitícola. A temperatura desce, a humidade aumenta e a vinha sobe, apparecendo em parreiras baixas.

Por ultimo, vem o litoral minhoto, desde os arredores do Porto, onde a vinha braceja nas uveiras, sobre castanheiros e cerdeiras, ou em latadas altas.

Desde Aveiro até a foz do Minho, o clima é mais humido e tem uma distribuição de chuvas abundante e regular em todas as estações. Chega a 200 millimetros, frequentemente, a chuva caída ainda na primavera. É a humidade que suaviza a temperatura, ainda alta na primavera e no estio d'esta região, que torna os arredores do Porto tão apropriados á cultura das flores. Os caracteres litoraes avançam, mesmo no Douro, até bastante longe da costa.

No interior do pais, já fora da influencia directa da acção reguladora do oceano, encontram-se, em manchas mais ou menos importantes, ricas e bem providas regiões agricolas. A altitude, o declive, a exposição das encostas e a

## A produção agrícola

orientação dos valles, explicam este encastramento, de regiões de clima equilibrado, no meio das grandes massas accidentadas, desabridas e agrestes, ou das extensas planicies achatadas e aridas.

Ao norte, em Trás-os-Montes, a veiga de Chaves, a Villariça, o Valle de Mendiz. No Minho, Monção, Ponte do Lima, Arcos. Nas Beiras, o Dão, no districto de Viseu; Agueda, no de Aveiro; o Fundão, no de Castello Branco. Mais para o sul, Castello de Vide, em Portalegre; a linda região de Thomar, no districto de Santarem; Bucellas, no de Lisboa; e até nos districtos alternativamente tropicaes e siberianos, de Evora e Beja, os oasis de Villa Viçosa, Borba e Estremoz, Cuba e Vidigueira. Na grande maxima parte das regiões descritas, do Tejo para o norte, é a cultura do milho a predominante e característica.

A grande massa do país, a sua maior parte, divide-se caracterizadamente em duas partes: a região montanhosa e a região das planicies, com uma zona de transição de planaltos medios.

A região montanhosa, levantando a sua enorme massa, principalmente ao norte do país, é agreste, mas abundante de chuvas, cortada e escavada de linhas de agua, que podiam ser uma riquissima e fecunda origem fornecedora de energia, e abastecer largas extensões onde domina a aridez, logo que fosse dominada e disciplinada, pela arborização e pelas obras de arte, a sua bravia liberdade actual. Por toda esta zona, a população é rara, a cultura extensiva, o gado manadio e composto principalmente pelos armentos ovino e caprino. É a região do centeio e da cabra. Os párias do mundo vegetal e animal, que a sua resistencia dura e os erros das convenções consagradas pelo empirismo triunfante da nossa agricultura fizeram considerar como organismos unicamente apropriados á negação mais completa das condições essenciaes da vida.

A montanha abate rapida e extensamente no districto de Castello Branco, para subir ainda a 1:000 metros no de Portalegre, levantar o dorso a 600 metros na serra de Ossa, espriar-se numa larga ondulação por quasi todo o districto de Evora e achatar-se extensa e definitivamente no baixo Alemtejo até tocar nas serras algarvias.

Assim, o districto de Portalegre e quasi todo o de Evora formam a transição para as baixas planicies alemtejanas.

A irregularidade do clima accentua-se. Oscillações medias de temperatura que vão a mais de 20 graus em alguns meses. Humidade relativa tão fraca, como o não é em parte alguma da Europa, a não ser talvez em alguns pontos da Estremadura espanhola. Muito pouca agua e esta quasi sempre subterranea, custosamente exploravel, taes são as características mais frisantes da região interior plana, que pode considerar-se comprehendida entre as curvas de nivel de 125 e 400 metros. É a região dos cereaes praganosos, dos pousios, dos extensissimos predios agrícolas, com a população agglomerada nas cidades e nas villas, em raras aldeias, ou em montes (sedes de exploração) dispersos e distantes, ás vezes de muitos kilometros.

Na descrição summaria que antecede resaltam as condições naturaes que auxiliam ou contrariam a agricultura. Em todo o país uma radiação solar intensa capaz de fazer trabalhar ao maximo a vegetação, logo que a agua não falte, dependendo d'este elemento, quer na humidade da atmosphaera, quer no regime das chuvas e das correntes superficiaes e subterraneas, a prosperidade da agricultura nacional. Entre nós, como em Espanha e na Italia, o problema agrario é um problema de hydraulica agricola. A melhor utilização da agua é a pedra angular da agricultura portuguesa.

**As plantas cultivadas.** - Se bem que a cultura pode modificar as plantas e estas podem ser consideradas até certo ponto obra de agricultor, a verdade é que, salvas condições muito especiaes do meio social e economico, a flora cultivada tem de subordinar-se ao clima e mesmo ao solo, e deve considerar-se uma condição natural, tanto mais quanto menos adeantada for a agricultura.

É o nosso caso, na maior parte do país. A nossa flora cultivada é pouco mais do que espontanea, salvo poucas excepções.

É isto uma garantia da sua perfeita adaptação ás condições do meio em que vivem e de que derivam, mas é tambem a prova do pouco zelo com que tem sido tratada.

## A produção agrícola

O melhoramento das plantas cultivadas é o meio mais barato e mais eficaz de aumentar e aperfeiçoar as produções. Nós temos todos os systemas, se é permittida a expressão, de plantas que são precisas para a exploração do clima e do solo portugûes sob a sua forma mais primitiva e mais resistente e menos aperfeiçoada. Correspondem-se os valores da nossa alfaia vegetal e mecanica; rudes e fortes, mas imperfeitas. As variedades cultivadas de que dispomos são algumas de notavel valor e todas adequadas ás condições do meio que exploram.

Com as qualidades fundamentaes que as caracterizam, esperam apenas uma selecção cuidada e a applicação intelligente dos modernos processos technicos da hybridação e do mestiçamento, para constituirem uma das mais perfectas floras agricolas, capaz de utilizar toda a energia disponivel do clima e toda a fertilidade, natural e fornecida, dos nossos solos.

**A pecuaria.** —Fazendo este assunto objecto especial de outro capitulo, só vem aqui como questão de methodo apenas a mencionar. A exploração zootechnica constitue, juntamente com os terrenos que valoriza e com as industrias a que dá origem, um dos mais importantes ramos da agricultura.

**Condições economicas.** —Já atrás alludimos á constituição do predio agricola, cujo actual modo de ser deriva de causas sociaes e historicas, que não são objecto d'este capitulo, e influe fortemente no estabelecimento das empresas agricolas, mais minuciosamente analysadas adeante. Agora cumpre apenas frisar que as explorações ruraes portuguesas estão em geral estabelecidas em predios defeituosos, e teem, na maioria dos casos, de aggregar diversos predios, contiguos ou afastados, para se constituírem. Modificações racionaes nas leis que regulam a transmissão e os arrendamentos, medidas e auxílios que promovam e facilitem o emparcelamento, talvez o regresso, em poucos casos, ao vinculo, alterações na legislação tributaria, podiam concorrer para melhorar rapidamente os predios ruraes e facilitar a constituição e aperfeiçoamento da empresa agricola.

Também já nos referimos á educação profissional, que em Portugal melhora, sem duvida, mas muito lentamente. Tanto nas classes dirigentes como nas

## A producção agricola

executoras da nossa agricultura, a instrucção e a educação perfectas estão muito longe de ser a regra geral. Por isto a agricultura portugueza está ainda empirica, obedecendo muito mais ás velhas tradições do que a processos reflectidos e verificados. Pode dizer-se que as praticas agricolas são antes costumes populares, obedecendo muito mais a aphorismos do que a preceitos technicos.

A nossa viação, composta por uma vasta rede de caminhos de ferro e de estradas ordinarias, e poucas linhas de agua navegaveis, não satisfaz ainda completamente e pode ser melhorada pelo desenvolvimento das vias fluviaes, pela viação ordinaria combinada com a accelerada, hoje objecto de uma legislação racional e eficaz e em progresso manifesto de extensão e exploração. A producção e o trafego teem-se desenvolvido muito no país e precisam de uma viação melhor e mais extensa. Exagerámos talvez, pelo menos apressámos os caminhos de ferro, mas abandonámos a navegação interior e deixámos seguir, num caprichoso traçado eleitoral, as estradas ordinarias, hoje muito damnificadas. Abandonámos a viação vicinal. Ainda hoje ha no país, em Trás-os-Montes, nas Beiras e no Alemtejo, e tambem no Algarve, consideraveis tratos de territorio, cuja producção se não desenvolve, porque, saturado já o consumo local, as despesas de transporte, até os centros de consumo, absorveriam todos os lucros possiveis.

A abertura do projectado caminho de ferro do Sado deve trazer á cultura dezenas de milhares de hectares hoje muito fracamente productivos, accidentalmente cultivados ou de todo entregues ao dominio dos matos charnequeiros. Sob o ponto de vista do barateamento dos transportes importará sobretudo regularizar o regime dos nossos rios, melhorá-los, não os deixar deteriorar e aumentar-lhes os percursos navegaveis e reparar e refazer a viação vicinal, tosca e errada, que mantem ainda obrigadamente systemas de vehiculos que os celtas utilizaram.

O commercio portuguez é tão tradicional nos processos, como a agricultura.

Todavia os caracteres essenciaes da raça e as suas aptidões comprovadas na vida historica e actual das nossas populações são bastantes para fazer com que

## A produção agrícola

Portugal seja um dos países que, proporcionalmente, mais progrediu neste ramo de actividade. Uma estatística recente demonstra que Portugal, o Japão e os Estados Unidos são os países que mais se desenvolveram commercialmente, nos ultimos vinte annos. É certo porem que o commercio portuguez actual não satisfaz ás exigencias da producção agricola e comprime a sua expansão, a despeito do auxilio de credito que lhe facilita. A exportação do vinho generoso retrae-se, a producção de frutos fica em grandes quantidades no pais sem collocação, a cortiça é negociada por estrangeiros, a horticultura e a floricultura, que podiam ter extenso desenvolvimento, estagnam, e, no interior do país, o commercio multiplica-se numa multidão de intermediarios, que o encarece alem do que mereceriam os seus serviços. Parecem ser esta má organização commercial e a falta de linhas de navegação, em via de emenda, que impedem o commercio de estimular e garantir a collocação das nossas producções crescentes.

Vejamos agora o que o trabalho agricola nacional, dispondo dos recursos naturaes e economicos que ficam rapidamente descritos, consegue arrancar á area de 7.000:000 de hectares, antes indicada, sobre a qual radia a intensa energia do sol meridional, correm os maiores rios da peninsula e se radica uma flora útil de grandes recursos, susceptivel de grande aperfeiçoamento.

**As producções.** —O quadro seguinte mostra a distribuição, sobre o territorio do continente portuguez, das plantas cultivadas e uteis, grosso modo, de que a agricultura dispõe.

Para melhor interpretação do quadro anterior e da estrutura agricola do nosso país, é preciso compará-lo com outros.

O estatístico sueco Sundbärg propôs a divisão da Europa em duas grandes secções: occidental e oriental. A Europa occidental comprehende os países cuja população é de origem latina ou germanica. Na Europa oriental comprehendem-se os restantes países, incluindo todavia a Romania, cuja população, como se sabe, é de origem latina. O Sr. Grandeau<sup>1</sup> adoptou esta divisão de geographia agrícola e apresentou, num relatorio sobre a exposição de 1900, os seguintes quadros em que se define a estrutura agrícola geral de todos os países europeus, primeiro, e depois da Europa occidental e da oriental.

## *A produção agrícola*

### CLASSIFICAÇÃO AGRÍCOLA DO TERRITÓRIO DO CONTINENTE PORTUGUÊS<sup>1</sup>

Designações	Hectares	Percentagens	
		Da area total	Da area productiva
Culturas arvenses e hortícolas	2.322:000	26,06	33,17
Vinha	313:000	3,51	4,47
Olival	329:000	3,69	4,70
Sobro	366:000	4,11	5,23
Azinho	417:000	4,68	5,96
Arvores de fruto	131:000	1,47	1,87
Castiçal	84:000	0,94	1,20
Carvalhal	47:000	0,54	0,67
Pinhal	430:000	4,82	6,14
Matas diversas	613:000	6,88	8,76
Pousios, incultos, improductivos, area social	3.858:630	43,30	-
Total geral	8.910:630	100,00	
Total de area productiva	7.000:000	<sup>2</sup> 78,55	-
“ “ “ em cultura	2.995:000	34,73	44,21
“ “ “ arborizada	2.417:000	27,12	34,52
“ “ “ florestal	1.957:000	21,97	27,96

É na Europa occidental que Portugal está abrangido e não fica desfavorecido, relativamente aos grandes grupos, senão na percentagem das florestas.

A percentagem da terra productiva é superior á media geral da Europa e muito mais ainda á da Europa occidental, respectivamente 75,3 e 69,5.

Estamos livres dos gelos eternos da Noruega e da Suecia, e das grandes superficies alpinas.

Sobre a terra productiva a area mais intensamente trabalhada, a mencionada nos mappas com a designação de «culturas' é em Portugal 4.621 por cento da area productiva, mais elevada do que a media geral e igual á media da Europa occidental, 44,2 por cento. É que nos outros países fazendo como nós parte da Europa

<sup>1</sup> Estes numeros são fornecidos pela Direcção da Carta Agricola, conforme o reconhecimento agricola do pais ultimamente concluido por aquella repartição. Ha uma alteração no numero que indica a area de pousios, incultos, etc., proveniente do acrescentamento de 36:600 hectares, área ocupada pelas aguas do Tejo e do Sado, não comprehendida na area total do pais indicada pela Carta Agricola, conforme se vê na nota da pag. 21 da noticia sobre a Carta Hypsometrica de Portugal, do Sr. Paul Choffat.

<sup>2</sup> No numero de 3.858:630 hectares estão incluidos pousios, pastagens e charnecas que devem ser considerados superficie productiva, uma vez que concorrem importantemente para a produção pecuaria. A area propriamente improductiva não attingirá dois milhões de hectares: 300:000 de area social (Anselmo de Andrade), 72:000 de areas, 45:100 de cumiadas, o restante, 1.500:000 hectares, para charnecas desaproveitadas, pantanos, rochas estereis, etc., é talvez mesmo exagerado.

## A produção agrícola

### TODA A EUROPA

	Designações	Areas	Percentagens		
			Da area total	Da area productiva	Da area cultivada
Culturas	Cereaes	154.082:000	16,2	21,5	58,4
	Batata	11.217:000	1,2	1,6	4,2
	Plantas forraginosas	19.676:000	2,1	2,8	7,5
	Horticultura	3.780:000	0,4	0,5	1,4
	Vinha	8.781:000	0,9	1,2	3,3
	Culturas diversas	15.067:000	1,6	2,1	5,7
Pousios	51.491:000	5,4	7,2	19,5	
Total		264.094:000	27,8	36,9	100,0
Prados e pastagens		137.131:000	14,4	19,2	
Florestas		314.400:000	33,1	43,9	
Area productiva		715.625:000	75,3	100,0	
Outras terras		235.272:000	24,7		
Area total		950.897:000	100,0		

occidental de Sundbãrg as superficies consagradas á alimentação dos animaes, graças aos seus climas, são muito maiores.

Muito mais se accentuará ainda a nossa superioridade se considerarmos que em Portugal, mesmo sob uma grande parte da terra arborizada, se exerce tambem a cultura de plantas herbaceas, que não foram comprehendidas nas avaliações do reconhecimento agrícola do pais. Falta-nos a humidade e a chuva estival, e já mesmo em parte da primavera, para podermos manter as vastidões forraginosas, prados naturaes e pastagens, que em outros paises melhor favorecidos de chuvas e humidade alimentam grandes massas de gado.

É exactamente este caracter do nosso clima que faz estranhar mais ainda a nossa inferioridade florestal, 21,97 por cento da area total, 29,96 por cento da area productiva, contra respectivamente 33,1 e 43,9 em toda a Europa e 25,5 e 36,9 na Europa occidental. Está aqui decerto uma falha da nossa estrutura agrícola que cumpre preencher, para valorização de muita terra, attenuação de alguns caracteres do clima e regularização do regime das aguas correntes. Convem notar todavia que a descida das percentagens indicadas para a Europa occidental marca

<sup>1</sup> Citado por Picardt, *Le bilan d'un siècle*

EUROPA OCCIDENTAL

Designações		Areas	Percentagens		
			Da area total	Da area productiva	Da area cultivada
Culturas	Cereaes	58.314:000	15,9	22,8	51,7
	Batata	6.989:000	1,9	2,7	6,2
	Plantas forraginosas	17.049:000	4,7	6,8	15,1
	Horticultura	1.932:000	0,5	0,7	1,7
	Vinha	7.515:000	2,1	3,0	6,7
	Culturas diversas	10.335:000	2,8	4,0	9,2
	Pousios	10.617:000	2,9	4,2	9,4
Total		112.751:000	30,8	44,2	100,0
Prados e pastagens		48.385:000	13,2	18,9	
Florestas		93.395:000	25,5	36,9	
Area productiva		254.531:000	69,5	100,0	
Outras terras		111.983:000	30,5		
Area total		366.514:000	100,0		

uma baixa muito sensível em relação á media geral. É ainda talvez o character pastoril, que a agricultura moderna conserva, que explica a fraca densidade florestal nas regiões occidentaes.

O estudo comparado da composição agricola - tolere-se a expressão - seria todavia mais util com os paises de aptidões naturaes mais semelhantes ás nossas. A comparação com a Europa inteira ou mesmo com o bloco occidental deforma muito a configuração agricola dos paises meridionaes englobados, nos mappas de Grandeaue, com a nebulosa Inglaterra e a gelada Suecia.

É tambem mais expressiva a comparação da estrutura intima da terra productiva.

Não ha porem elementos estatisticos, em Portugal, que permittam uma comparação completa sob este ponto de vista. O quadro que segue é apenas uma tentativa receosa, que em todo o caso dá a impressão da estrutura agricola dos diversos paises, mais semelhantes ao nosso, no todo ou em parte, relativamente ao clima ou á constituição agraria.

## A produção agrícola

Vê-se bem o caracter agrícola dos países considerados. É muito sensível o predomínio das culturas cerealíferas e forraginosas. A produção dos cereaes e pecuaria, por motivos diversos talvez, continuam a sua secular symbiose agraria. A cultura dos cereaes, exceptuando a Hungria, uma parte da Áustria e da França e da Italia, é contrariada pelo clima da restante parte d'estes países e pelo da Espanha e de Portugal. A secura da primavera e a escassez de chuvas estivaes contrariam a vegetação dos cereaes. As forragens só teem duas epocas restrictas de produção espontanea: o outono e uma parte da primavera. Na Europa meridional só a irrigação poderia fazer prosperar estes factores da produção agrícola. Apesar d'isto, os dois grupos de cultura persistem unidos e solidarios a mostrar a força da tradição, numa organização agraria que a constituição da propriedade, a falta de communicações e o desconhecimento da maior parte dos meios modernos de utilizar os solos e os climas, e dos recursos inesgotaveis da flora agrícola, originaram e fixaram nos costumes da população e afinal amoldaram ás condições naturaes do meio.

Em Portugal, nenhuma outra cultura attinge tamanha importancia, nem espalha mais extensamente os seus beneficios.

O trigo, o milho, o centeio, o arroz, a cevada e a aveia estão, isoladamente ou combinados, integrados em todas as formas que a exploração agrícola reveste em Portugal. Do Minho ao Algarve, nos declives das montanhas, nos planaltos, nas varzeas, nas terras frescas ou aridas, nas terras ricas e nas pobres, na grande e na pequena cultura, algum ou alguns d'aquelles cereaes encontram sempre condições para valorizar terrenos, empregar braços e capital, produzir alimentos, em cultura exclusiva, ou associada á produção do gado, á vinha, aos pomares, á horticultura e até aos povoamentos florestaes.

Por tal forma a cultura cerealífera se entrelaça na exploração agrícola portuguesa que não ha modo de desligar, das oscillações da sua produção, a boa ou má fortuna da vida rural portuguesa. Um anno de boa colheita de cereaes é um anno de geral prosperidade.

## A produção agrícola

Países	Area productiva	Distribuição da area productiva (a)						
		Florestas	Prados e pastagens	Cereaes	Culturas industriaes (g)	Horticultura	Vinha	Olival
	Percentagens da area total	%	%	%	%	%	%	%
Austria	94,16	34,6	25,02	24,93	6,88	1,3	0,9	-
Hungria	95,24	28,18	24,50	34,03	3,29	1,39	1,08	-
Italia	83,20	18,75	(c) 30,63	(f) 30,94	-	0,62	(h) 16,84	4,59
França	85,57	19,46	(d) 19,52	29,34	3,83	1,52	3,79	-
Espanha	85,81	7,23	22,95	25,50	-	-	4,31	1,86
Portugal	78,55	(b) 16,79	(e) 19,64	22,44	-	-	4,47	4,70

Não pode fazer-se a definição regional do país sem recorrer a algum cereal para caracterizar as modalidades da physionomia agrícola portuguesa.

É também a cultura cerealífera a mais antiga e a que mais profundamente se arraigou na tradição, enchendo a linguagem ordinária de vocabulos tiradas á sua nomenclatura e afeiçoando toda a vida rural aos aphorismos deduzidos das suas praticas culturaes.

A produção forraginosa encontra porventura ainda menos favoraveis condições naturaes em Portugal. Aqui, mais ainda do que nos cereaes, a irrigação exerceria uma valorização muito consideravel.

A escolha das sementes, o melhoramento racional das pastagens, a ensilagem e a fenação, podiam aproveitar melhor os recursos naturaes, permittendo utilizar os excedentes de produção nas duas epocas em que espontaneamente podem dar-se.

(a)As estatísticas consultadas para a formação d'este mappa foram as seguintes: *The Staterman's Year-Book of 1907 - Malessere agrario ed alimentare in Italia*, Giglioli (1903); *Géographie économique* de Dubois.

(b)Não inclue os montados com tratamento cultural muito diverso do regime florestal. Os numeros referentes aos outros países indicam as superficies exclusivamente florestaes. Se incluíssemos os montados a percentagem florestal portuguesa elevar-se-hia a 27,96 por cento. Sob os montados nacionaes faz-se largamente cultura arveese.

(c)Inclue os prados alpinos.

(d)A superficie forraginosa em França é em rigor muito maior. Neste país é muito grande a area destinada a prados artificiaes e culturas forraginosas. Não incluimos aqui a percentagem referente a esta area porque a não podíamos obter para outros países.

(e)Também entre nós a superficie forraginosa deveria figurar com uma percentagem consideravelmente superior, porque nos pousos e nos restolhos dos cereaes, sob os arvoredos, em quasi todas as charnecas se apascenta gado, embora na grande maioria destas superficies a produção forraginosa seja muito fraca. Ha entre nós muito pequena cultura forraginosa, misturas de cereaes no outono, cenoura e nabo, mas a cultura do milho, incluindo culturas simultaneas de ervas, fornece uma grande massa forraginosa. A cevada e a aveia vão incluídas nos cereaes.

(f)Se sommarmos as percentagens referentes á Italia, encontraremos uma somma superior a 100, o que parecerá absurdo se não explicarmos que as areas culturaes italianas que podemos obter são as absolutas, comprehendendo as culturas simultaneas, dando por consequencia duplicações na contagem das áreas. Se houvessemos de considerar só as areas exclusivamente destinadas a cada cultura, era aqui e na area forraginosa que haveria a fazer reduções consideraveis.

(g)Nesta rubrica estão comprehendidas somente a batata e a beterraba saccharina.

(h)Pelas razões já adduzidas, a vinha é invadida, em Itália, por muitas outras culturas, sendo a area exclusivamente viticola apenas de 500:000 hectares.

## A produção agrícola

Sob o ponto de vista do aproveitamento do solo, percentagem da terra productiva, é desfavoravel para nós o exame do mappa da pag. 122. Não tendo, como a Espanha, a Itália, a Áustria e a Hungria, tão extensas e elevadas serranias que tiram a possibilidade de utilização a vastíssimos territorios, mal se comprehende a inferioridade da nossa quota productiva.

Só na vinha a nossa superioridade sobre todos os outros países é manifesta, figurando nós com a maior quota, relativamente aos outros países com excepção da Itália, convindo lembrar as condições especiaes da cultura italiana que já foram indicadas.

O mappa não pode esclarecer inteiramente a nossa situação no que respeita á absorção do trabalho determinado pela composição e extractura agricola. Não é possivel determinar a area da nossa cultura hortense. Não temos culturas industriaes, a não ser o linho, em retrahimento successivo. De modo que só a vinha nos apparece como cultura de grande trabalho. Notemos porem que em toda a região do milho, já esboçada, as culturas simultaneas dos legumes e as intercalares das ervagens tornam a cultura extremamente exigente de trabalho pessoal.

A cultura da batata, entre nós cultura alimentar e sem character algum industrial, tem bastante importancia e occupa muita terra e muitos braços. A horticultura dos arredores de Lisboa e em larga area na margem esquerda do Tejo tem tambem consideravel importancia e, apesar de se localizar numa região populosa, determina a localidade de mais elevado salario do país, tal é a absorção de trabalho braçal que exige.

Comparativamente com os outros países é porem muito inferior a intensidade da cultura dos cereaes praganosos, os que occupam, todos juntos, maior area. A elevada quota do trabalho pessoal que nos caracteriza, só se explica pois pela cultura do milho e da vinha, pela nossa horticultura e pela deficiencia dos meios mecanicos empregados. Porventura mesmo esta quota é um encargo transitorio da agricultura nacional obrigada a sustentar uma população que não encontra collocação na industria e não tem a energia de emigrar.

## A producção agricola

Traçado assim nas suas linhas geraes o aspecto da producção agricola portuguesa, vejamos agora o valor que attinge neste ramo da sua actividade o trabalho agrícola nacional.

**Productio bruto agricola.-** O productio total extrahido dos 7 milhões de hectares de superficie productiva pela actividade de 1.406:054 trabalhadores, deve attingir os 200.000:000\$000 réis<sup>1</sup> Corresponde este valor, em numeros redondos, a 28\$500 réis por hectare agricola e a 142\$000 réis por trabalhador. Em França o productio bruto é de 77\$000 réis por hectare e de 435\$600 réis por trabalhador. Em Italia é, respectivamente 41\$600 réis e 104\$000 réis.

É um productio bruto por hectare, muito fraco, sobretudo se attendermos a que os preços de venda da maioria dos generos agrícolas que produzimos são muito superiores em Portugal aos dos similares no estrangeiro.

As razões são a secura exhaustiva do clima e a sua irregularidade, a inferior percentagem da area productiva submettida ás culturas annuaes, a carestia do capital, que obriga o agricultor português a restringir o mais possível as despesas, o que se reflecte na escassez das adubações, e na deficiencia dos melhoramentos fundiarios e nas installações dos predios agricolas. As nossas combinações culturaes, talvez uma adaptação defeituosa d'essas culturas, a depressão das qualidades productoras das variedades cultivadas, o exclusivismo cultural, a organização agraria do país, são talvez outros factores, modificaveis felizmente, da exiguidade da producção. Mas a simples correcção da secura do clima pela irrigação, e uma organização agraria e bancaria que convidasse e facilitasse o capital ás collocações agrícolas, permittiria mudar inteiramente, e em breve, este aspecto deprimente da agricultura nacional. O mais elevado productio bruto da agricultura italiana é principalmente devido á Lombardia e á Toscana, onde a intensidade da cultura é das maximas da Europa e onde justamente a irrigação, completando o clima, permittiu utilizar o trabalho da vegetação até onde o pode levar a energia climica italiana.

A estrutura cultural da Italia continental e de grande parte da peninsular, ampliações grandiosas e aperfeiçoadas dos nossos campos do Vouga e da região minhota, combinando sobre o mesmo terreno numerosas culturas, simultaneas e

## A produção agrícola

intercalares, concorre também para a elevação relativa do producto bruto agrícola d'aquelle país. As organizações de credito agrícola italianas também é naquellas regiões que principalmente se instituíram.

A productividade do nosso trabalho pessoal, se é muito inferior á da França, vale mais do que a italiana. Enquanto o trabalhador francês custa apenas 17 por cento do producto da sua actividade, o trabalhador português custa um pouco mais de 35 por cento e o italiano 45 por cento<sup>1</sup>

É claro que a productividade do trabalho humano não depende exclusivamente da energia e da aptidão do trabalhador e nesse rendimento influem as causas anteriormente mencionadas que comprimem a produção dos solos. Comparativamente porem com a Italia resulta a superioridade do nosso trabalhador, preso dentro de um producto bruto por hectare inferior ao italiano. É que a Italia, cuja densidade da população é 113,28 por kilometro quadrado, ao passo que a da França é de 71,94 e a nossa de 58,98, tem uma sobrecarga de gente a que o desenvolvimento da sua industria e a sua grande emigração não podem dar saída em termos de alliviar a agricultura de algumas regiões do excesso de braços.

A abundancia de trabalhadores agrícolas, só é uma vantagem dentro de certos limites. A diminuição geral do numero de trabalhadores agrícolas não é um mau symptoma, desde que está provado, pela Belgica, pela França e pela America, que a produção agrícola actual pode realizar-se e aumentar com muito menor numero de trabalhadores do que aquelles que, até ha pouco, exigia. A agricultura de todos os paises desprende-se do excesso de gente a que tinha de dar emprego. Sob o ponto de vista social é possível que o facto justifique apprehensões. Em face do exito economico das empresas, é sem duvida uma vantagem. Entre nós ha ainda um outro symptoma favoravel. Segundo o censo de 1890 havia 1.441:126 trabalhadores agrícolas, que sustentavam 2.847:284

<sup>1</sup>Este numero é muito superior ao máximo até agora adoptado para representar o valor do producto bruto agrícola nacional e causará provavelmente estranheza. Note-se porem que 1.406:054 trabalhadores, em actividade durante 250 dias, a 200 réis em media, recebem 70.000:000\$000 réis, numeros redondos, durante o anno, que o producto bruto tem de pagar, ficando com margem para pagar também cerca de 40.000:000\$000 réis, trabalho animal, réis 30.000:000\$000 renda da terra, juro do capital de exploração, sementes, alimentação de gado, amortizações e contribuições, etc. Em França, cuja quota de trabalho pessoal é menor do que a nossa, mas cujo salario medio é maior, o trabalho pessoal custa 22,26 por cento do producto bruto. Se applicassemos a mesma percentagem, o custo do trabalho pessoal português corresponderia a um producto bruto de mais de 300.000:000\$000 réis.

Entre nós porem, attendendo á predominancia do trabalho pessoal e á productividade inferior da nossa cultura, pode suppor-se que seja de 35 por cento de producto bruto o custo do trabalho humano que exige e ahi teremos ainda assim os 200.000:000\$000 réis. As avaliações até hoje apresentadas tem-se restringido aos productos commerciaes principalmente. É porem incalculavel o que a agricultura produz e vae directamente ao consumo sem exercer função commercial.

## A produção agrícola

peçoas. Segundo o censo de 1900 havia 1.406:054 trabalhadores e eram 3.092:730 as peçoas sustentadas. Em 1890 trabalhava 1 para 1,97 e em 1900, 1 para 2,19. É um sinal do rendimento maior de trabalho agrícola, uma vez que de 1890 para 1900 não se agravou a situação das classes ruraes, antes aumentou o seu bem estar. A situação da Italia, sob este ponto de vista, é bem inferior á nossa. Em vastas regiões d'aquelle país grassa a miseria nas populações ruraes, que a agricultura não consegue sustentar.

Das considerações que ficam expostas resulta, parece-nos, que a produção agrícola portuguesa actual não utiliza completamente as possibilidades productoras dos climas e solos nacionaes, nem a capacidade de trabalho da sua população actual; que não ha causas insuperaveis que a impeçam de progredir e prosperar e que uma inoculação profunda e vasta de capital barato, assentando na regularização do regime hydraulico do país e na divulgação do ensino profissional e technico, seria bastante para levantar a produção agrícola nacional e as suas vantagens, ao nivel do que é em países mais adeantados do que o nosso.

Segundo o plano d'este livro segue-se agora tratar das Explorações agrícolas Summaria e rapidamente expostas as condições geraes da produção agrícola analysemos os ateliers em que esta se realiza.

A exploração agrícola portuguesa reveste dois grandes aspectos: officina e fabrica, officio e empresa.

Em quasi toda a região do milho, que é a região que descrevemos sob a designação de litoral, salvo a comprehendida entre o Tejo e o Algarve, a agricultura é exercida como um officio, realizando apenas a remuneração do trabalho dos que nessa exploração labutam.

O lucro agrícola é apenas o salario, do proprietario ou do rendeiro, da sua familia e dos seus auxiliares ou serviçaes. O pequeno capital que emprega conserva-se, não aspira a juros. Quando o proprietario trabalha nas suas terras, nem á renda aspira. Quando o agricultor é rendeiro, a renda é sempre um sacrificio que anda muita vez atrasado e frequentemente representa um coeficiente de empobrecimento, que progressivamente arruina a familia rural, que outra virá

<sup>1</sup>Salario medio em França 300 réis (1,50 fr. - Convert.). Em Italia 180 réis (90 ctos - Ottavi). Em Portugal 200 réis. Esta media é do trabalho dos homens e das mulheres, que entre nós trabalham em menor percentagem do que em França e na Italia. Numero de dias uteis: em Portugal e França 250 e em Italia 260 (Schwertz). Na França trabalham 34,83 por cento das mulheres que existem, na Italia, 32,37 por cento, e em Portugal 28,61 por cento

## A produção agrícola

substituir, a percorrer novamente o mesmo itinerário de decadência.

Na região do centeio, sobretudo nas suas orlas ou nos seus oásis em que se entrelaça com a do milho, continua o mesmo aspecto. Onde porém esta região confina com a do trigo e onde este cereal impera em domínio frisante, ou predomina alternando com o milho, a exploração rural muda inteiramente de aspecto; é uma verdadeira empresa exercida em grandes fabricas, dirigida por empresarios que são verdadeiros industriaes. Além do salário do trabalho braçal, o producto agrícola remunera a terra e os capitaes, e dá lucro industrial a remunerar a direcção technica e administrativa, que se differencia do trabalho manual, com o qual se accumula e confunde nas outras regiões.

São porventura os dois aspectos característicos da pequena e da grande cultura em Portugal.

A pequena cultura toma porém uma outra feição, com um caracter mais industrial. É a horticultura, quasi exclusivamente estabelecida nos arredores das povoações, quando é exercida como exploração independente. Embora quasi sempre exercida tambem pelo empresario que trabalha como operario, já tem juros de capital, e um coefficiente de prosperidade, importante entre nós.

Uma outra variante é preciso introduzir para considerar a media cultura e especialmente a exploração dos pomares. Aqui ainda ha o caracter de empresa, que exprime a grande cultura, e a vigilancia e direcção mais assidua do empresario, que frequentemente participa tambem nos trabalhos braçaes.

Se quisermos denominar os locais onde se realizam estas diversas feições que a exploração agricola reveste entre nós, podemos recorrer ás seguintes designações: para a pequena cultura, *casal e horta*; para a media cultura, *quinta*; e, para a grande cultura, *lavoura*<sup>1</sup>.

O *casal* combina quasi sempre as produções animal e vegetal e as culturas do milho, dos legumes e das forragens (azevem e trevo) e muito frequentemente a batata, hoje uma das mais importantes culturas portuguesas. Associa a vinha, como anexo ou rodeando a cultura arvense, e o *monte*, trato de terreno de mato e vegetação florestal (pinhal, carvalho, castanheiro ou freixo, etc.) que fornece a

## A produção agrícola

cama aos animaes e as lenhas e madeiras de pequena construcção, e os matos com que se cobre o chão dos pateos e dos caminhos, a curtir para estrume debaixo dos pés dos animaes. Nas provincias do norte do país a bouça, a nascente da agua, é parte indispensavel do casal, muitas vezes destacada e distante do chão da cultura, frequentemente alimentando mais de um *casal*. As dimensões são muito variaveis e nem sempre é constituído por um só predio. Apesar de ser este o typo da pequena cultura, caracterizada atrás como cultura estacionaria e de situação pouco prospera, esta officina agricola funciona em geral com exito no Minho, nas Beiras em parte de Trás-os-Montes, e nos districtos de Santarem, perto do de Lisboa e no de Faro.

Nos suburbios de Lisboa, sobretudo na zona cerealifera, sector norte-oeste, ha casaes de grande extensão e com character diverso. Tomam o feitio de verdadeiras lavouras, que mais adeante serão definidas.

O *casal* representa uma condensação grande de trabalho e uma grande intensidade de producção. Trabalha-se sempre, ás vezes de noite, trabalham todos, paes, filhos, parentes e amigos na cultura dos campos, no tratamento dos animaes, nos concertos dos aparelhos, no fabrico do vinho, na cozinha, na costura, a fiar, os homens e as mulheres, ás vezes sem distincção de serviços. Na região minhota e na beirã chegam a trabalhar na agricultura mais de 45 por cento das mulheres existentes. E não se reservam os serviços menus arduos. Com a enxada e o sacho, na rabiça do arado e com a aguilhada adeante dos bois pelos caminhos, nem na intensidade nem na duração do trabalho cedem o passo ao homem. Nem um pedaço de terra fica por utilizar.

A borda de uma valla, o combro de um canteiro e o talude de um vallado produzem tanto como o chão dos talhões em que o predio possa dividir-se. É d'esta officina agricola que sae a maior e a melhor parte da nossa producção pecuaria e a grande massa da producção total da nossa agricultura. A energia, a tenacidade, os prodigios de economia da raça rude e forte do norte de Portugal, suppre o capital que escasseia ou só avaramente lhe fornece, cruel e carissima, a agiotagem implacável dessas regiões. É tambem onde os processos de cultura estão mais

<sup>1</sup>Esta nomenclatura não esta confirmada pelo uso dos nossos mais autorizados publicistas e mestres em economia rural. Os termos empregados teem mesmo muitas vezes accepções diversas e locaes. Todavia o autor d'este artigo tem usado de taes termos, exactamente na accepção em que os emprega agora, em conferencias publicas, em artigos de jornaes especiaes e em lições, sem protesto e com perfeita intelligencia dos seus leitores e ouvintes

## A produção agrícola

atrasados. A carestia do capital, o desdém dos poderes públicos e dos publicistas, deixam esta fecundíssima officina rural entregue á tradição da sua cultura, primitiva e rudimentar.

A horta nem sempre é uma exploração independente. Por vezes faz parte das quintas e das lavouras, onde existe sempre como annexo indispensavel para fornecer a alimentação do pessoal d'essas explorações, mas onde tambem frequentemente excede estas funções modestas, e se torna o agente mais poderoso de exportação das granjas em que está integrada, como acontece em algumas quintas dos arredores de Lisboa.

A horta é a exploração característica dos arredores das povoações, onde o consumo estimula e permite a intensidade maxima da cultura. É precisamente nos arredores de Lisboa e do Porto que a nossa horticultura adquire a maior importancia exercida em numerosissimas e pequenas explorações. São raras as hortas que attingem 2 hectares. A horticultura toma porem aspecto diverso na margem esquerda do Tejo e no Algarve. Aqui não é já só o abastecimento dos centros proximos que actua: são a exportação, principalmente para o Brasil, e o já importante abastecimento dos grandes paquetes que passam no porto de Lisboa que explicam o relativamente grande desenvolvimento que a horticultura adquire.

A horticultura é a arte agrícola de produzir tudo, em toda a parte e sempre é a expressão pratica do maximo de intensidade a que pode chegar a exploração agrícola. Condensação da maior somma de capital e de trabalho, por unidade de superficie, que a capacidade economica agricola de um país pode comportar, é tambem a forma de exploração em que a proficiencia technica dos cultivadores tem de ir ao extremo limite dos seus recursos, para attingir o maximo do producto bruto e da perfeição na qualidade produzida.

Em Portugal, como em toda a parte, a horticultura é a forma mais intensiva da cultura, mas está longe de attingir a perfeição e intensidade da Belgica, da Inglaterra, da França, da Italia e até do sul da Espanha.

Mesmo dentro de Lisboa e nos seus arredores, Telheiras, Chellas, Odivellas, Loures, Sacavem, a horticultura nacional está longe dos productos brutos

## A produção agrícola

atingidos naquelles países, e muito mais ainda do seu valor conseguido tambem no extemporaneo das produções e na sua finissima qualidade.

O nosso clima favorece a intensidade e a precocidade da produção. O Algarve pode dar uma antecipação de 15 dias sobre a Espanha, as margens direitas do Sado e do Tejo teem condições climatericas aproximadas.

O nosso hortalão dispõe de notavel aptidão natural, mas usa somente os processos rudimentares e primitivos, que são ao mesmo tempo de fraco poder de produção e caros. Trabalha-se de dia de noite, cavando, regando, estrumando, sachando, mondando, mas não se conhece a intervenção intelligente da selecção da planta e da semente, da hybridação e do mestiçamento, da pericia no abrigo, na modificação da exposição, na seriação das sementeiras e plantações, na accele-  
ração da vegetação, no tratamento incidindo directamente no vegetal, até o ponto de adoecer propositadamente a planta, que aperfeiçoam e modificam a produção resultante da espontaneidade da natureza.

Falta-nos o estimulo de um grande consumo, rico e exigente. O consumo, já importante e crescente, de Lisboa não é sufficiente para alargar extensamente a area hortícola e é bastantemente pobre, grosseiro e descuidado para não estimular o aperfeiçoamento da cultura. O consumidor externo é principalmente o Brasil, que é apenas o prolongamento do mercado, interno. Não ha ensino technico, nem estudo experimental hortícola. Não temos uma unica escola de horticultura. Todavia, é bem evidente que a horticultura forneceria, com a arboricultura, um dos mais poderosos elementos para mudar a orientação tradicional e inconveniente da nossa agricultura, se aproveitasse as condições naturaes e a situação geographica e commercial de que dispomos.

A *quinta* é a formula natural e classica da exploração agricola portuguesa. Tendo por base a cultura das plantas lenhosas, especialmente pomares associando frequentemente o olival e a vinha, adapta-se e utiliza melhor as condições de um clima irregular e sêco. Com uma estructura complexa e variavel explora as mais diversas condições de meio, sustentando um equilibrio economico mais estavel no meio de climas irregulares e de mercados restrictos e sensiveis ás mais ligeiras

## A produção agrícola

oscillações das produções. Podendo derivar tanto de um *casal* que prospera ou de uma *horta* que se aperfeiçoa, como de uma *lavoura* que se concentre para intensificar a cultura acompanhando o adensamento da população, constitue o centro, a formula para que tende toda a exploração rural portuguesa. Não admira portanto que seja a forma de exploração que mais se mantenha e que ainda hoje se constitue frequentemente em todas as regiões do país, resistindo á partilha forçada, ao absenteismo, e seduzindo os enriquecidos recentes. Ainda hoje se encontram muitas antigas quintas conservando intacta a sua estructura primitiva. Decerto a emigração dos campos para as cidades, deixando abandonadas da assistência dos donos essas officinas e empresas agrícolas, determinou a desorganização e a divisão de muitos de taes prédios. No meio das grandes herdades alemtejanas de hoje se encontram vestigios, em construcções arruinadas, em canalizações despedaçadas de antigas *quintas*, de alguns solares de velhas familias com logar na historia da nação. Nas Beiras, quantos *casas* constituidos nos destroços de velhas *quintas* talvez famosas em outros tempos. São porem innumerous os predios d'esta natureza que atravessaram o tempo, modificando-se e adaptando-se ás novas condições e muito frequentes os de constituição recente.

O typo completo e perfeito da *quinta* é um predio murado, encerrando peças de pomares, alguns canteiros de horta e talhões de cereaes e forragens para alimentação do pessoal e dos gados que residem e trabalham na exploração.

Ordinariamente a quinta tem uma casa de habitação, que muitas vezes é uma construcção opulenta, rodeada por um jardim. Nas velhas quintas de luxo o jardim irradia enquadrando as peças dos pomares e os talhões da cultura, em altos buxos, em alamedas bordadas de platanos, de freixos, de cicomoros, realizando sob uma forma decorativa a função de abrigos das culturas que circundam. Nos arredores de Lisboa, de Setubal, de Coimbra, de Thomar, nas Beiras, no Douro e no Minho, encontram-se magnificos exemplares destas quintais simultaneamente de recreio e de exploração, obras de arte e de technica agronomica.

Muitas vezes a quinta junta a cultura cerealífera, em muitos casos pinhaes e souts, em outros montados. A cultura das plantas lenhosas permanece sempre a

## A produção agrícola

base da economia d'este typo de exploração, embora o pomar regado se restrinja ou desapareça de todo.

Creemos que esta seria a formula definitiva de exploração normal da agricultura nacional, se a organização da produção tivesse de obedecer exclusivamente a um criterio tecnico. Sem realizar o producto bruto que a pequena cultura consegue, nem condensando tanto trabalho como esta absorve, attinge todavia uma alta produção e regulariza o trabalho, supprindo pela constancia da intensidade a variavel actividade das outras formulas de exploração, impostas pelas condições actuaes do meio, mas que se nos afiguram de exito economico menos duradouro e de utilidade social mais contestavel.

A *lavoura* é o typo de exploração em que se realizam as empresas da grande cultura, que frequentemente abrangem mais de um milhar de hectares e ás vezes attingem 10:000 e mais hectares. Nas extensas campinas ribatejanas e do Alemtejo a cultura cerealifera, dos cereaes praganosos, alcança o maximo da sua expansão. O trigo é o eixo dessa organização agraria, tendo como accessorios o milho raramente, o centeio, quasi sempre a cevada e a aveia.

Com a cultura cerealifera vem combinar-se a produção do gado e o montado.

Uma *lavoura* completa, no typo classico, contém: dois afolhamentos de cereaes, um de dois, tres ou quatro annos, outro mais largo em que alternam trigo e centeio ou trigo e aveia com pousios de cinco, oito e mais annos—pastagens que por via de regra são pousios de muitos annos—montado, gado bovino, cavallar, ovino e suíno.

Quase toda a provincia da Estremadura, todo o Alemtejo, uma grande parte da Beira Baixa e do Algarve estão cobertos por explorações d'este genero, que se encontram em grande parte, no periodo transitorio de systema pastoril para o cerealifero, tendo attingido em poucos casos as formas definitivas e estaveis do systema cereal puro. Encontram-se porem exemplares completos e perfeitos de lavouras, que não temem confrontos de organização com as empresas agricolas da Espanha, estremenha ou andaluza, com as do sul da Italia e da França, excedendo em dimensões todas estas, com excepção das espanholas. Onde se encontram

## A produção agrícola

entre nós as formas mais estaveis é nas margens do Tejo e do Sado. No Alemtejo as lavouras são muito mudaveis, sendo raro encontrar algumas que tenham mais de 30 annos na sua actual constituição. Formadas ordinariamente por mais de um predio, administradas por lavradores, rendeiros geralmente, conservadas em arrendamentos a curto prazo, estas empresas variam de constituição, desconjuntam-se e reconstituem-se em outras combinações e em outras mãos, com grande frequencia, ao sabor das exigencias dos senhorios, dos accidentes da concorrencia que entre si fazem os seus habituaes exploradores, os rendeiros, engodados pelo alto rendimento da cultura do trigo.

É este o cereal que mantem estas organizações agrarias. O regime comercial e os adubos chimicos applicados a esta cultura vieram reanimar as antigas lavouras em ruiva, durante o tempo em que imperou o delirio livre cambista.

Sob o patrocínio d'aquella lei e sob o estímulo dos adubos mineraes as lavouras reorganizaram-se, ampliaram-se, multiplicaram-se, e foi arroteada, trazida ao regime da produção, uma immensa area de charnecas e matagaes, durante seculos entregues ao dominio do lobo o do javali, apenas percorridos pela pastoreação nomada do gado.

A *lavoura* occupa muito menos gente e produz muito menos, por unidade de superficie, do que todas as outras formas de exploração apontadas. O trabalho por hectare é só importante nas epocas de sementeira e de ceifa. O animal, bois, cavallos e muares, e a machina predominam sobre o trabalho pessoal. E é sob o dominio d'esta exploração que se accentuam os progressos da agricultura moderna. Machinas, melhores systemas de cultura, grandes officinas agricolas, lagares, adegas, queijarias, é aqui que se introduziram e aperfeiçoaram e garantindo prosperidade, pelo menos apparente, desconhecida nas outras empresas agricolas.

A *lavoura* realiza o trabalho mais barato, mas emprega menos gente. O trabalho pessoal é mais importante onde o trigo alterna com o milho, e sobretudo onde a cultura cerealifera se combinou com a vinha.

Sertório do Monte Pereira

Título : A produção agrícola  
Autor : Sertório do Monte Pereira

Editor: ISAPress  
Instituto Superior de Agronomia, Tapada da Ajuda, 1349-017, Lisboa  
<https://www.isa.ulisboa.pt/isapress>  
Email: [isapress@isa.ulisboa.pt](mailto:isapress@isa.ulisboa.pt)  
Data: Outubro de 2024

Edição Comemorativa  
Tiragem: 100 exemplares  
ISBN: 978-989-35735-5-6  
Design e Composição  
Ensaio de Cor, Design e Comunicação empresarial, Lda

Todos os direitos reservados.  
Publicação gratuita







